

Caleidoscópio virtual: o hipertexto e sua leitura¹

Joelma Rezende Xavier*

Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: *Este artigo apresenta uma breve análise sobre a construção de sentido na leitura do hipertexto. Para isso, considerou-se a relação entre texto, hipertexto e outros fatores relacionados.*

Palavras- Chave: *leitura; texto; hipertexto.*

Abstract: *This paper presents a brief analysis about the reading of the hipertext. It concerns the relationship among the text, hipertext and other related topics.*

Key words: *reading; text; hipertext.*

Certa vez construí um caleidoscópio. Foi uma experiência fascinante. Cada vez que girava o pequeno tubo, tinha à disposição de meus olhos um jogo coreográfico de diferentes formas, cuidadosamente ordenadas. Girava, girava e, cada vez mais, percebia o quanto um daqueles arranjos simétricos refletidos no pequeno espelho dependia de um movimento preciso e delicado de minhas mãos. A partir dessa observação, conclui que um caleidoscópio pouco significava longe de um agente que o movimentasse. Parado, esse tubo de formas mágicas nada mais era do que um amontoado de vidrinhos coloridos.

A imagem do caleidoscópio pode nos servir como uma metáfora do texto escrito, e o espetáculo das formas, a metáfora da leitura. O que seria de um caleidoscópio sem suas formas magistrais? Logo, o que seria de um texto sem suas(s) leitura(s)?

Umberto Eco (1986) afirma ser o texto um mecanismo preguiçoso que necessita de alguém que o ajude a funcionar. Esse alguém — o seu destinatário — ao decodificar a mensagem necessita de uma capacidade passível de desencadear pressuposições, de criar estratégias de compreensão, além da competência lingüística indispensável no processamento de qualquer texto. Assim, observamos que a obtenção das formas simétricas coloridas é produto da ação do leitor. Ele participa ativamente na construção do sentido, o que nos leva ao conceito de leitura proposto por Dell'Isola (2001:37):

ler é interagir, é construir significado para o texto.

¹Texto apresentado à disciplina *Oficina de Produção de Texto: ensaio* - FALE /UFMG - Coordenação: Prof^a Regina Lúcia P. Dell'Isola - 1o. Semestre de 2003.

* Aluna do Curso de Graduação em Letras da FALE/UFMG

Desse modo, observa-se que o processo de leitura é uma interação entre texto-leitor-contexto.

Embora Eco (1986) tenha afirmado que para cada texto é esperado um *leitor-modelo*, ou seja, aquele imaginado durante o processo de elaboração textual, esse autor também reconhece que a presença do leitor é imprescindível na fabricação do significado, uma vez que ele também produz suas próprias estratégias de leitura e compreensão, podendo (ou não) atender às intenções do autor. Smith (1991) considera ser a leitura uma atividade, uma prática que requer uma finalidade específica e que envolve emoções, conhecimentos e experiências do leitor.

Sobre texto e hipertexto

De acordo com Costa Val (1991:3), *um texto é uma ocorrência lingüística escrita ou falada de qualquer extensão, dotada de unidade sócio comunicativa, semântica e formal*.

Além dessas características, ao conceito de texto devemos acrescentar, como salienta Mota (2000), a noção do meio em que o texto é veiculado, por exemplo: o livro representa o espaço do texto escrito impresso; a tela de projeção do cinema, o espaço das imagens, sons, etc; o computador, o espaço do hipertexto e de outras manifestações virtuais. A relação entre meio e mensagem tem grande interferência na formulação do conceito de texto. Isso porque, na atualidade, em virtude do advento e da expansão da informática, tem sido recorrente o aparecimento de novos tipos e gêneros textuais, como o hipertexto, a hipermídia, o *chat*, entre outros (Coscarelli, 2002). A partir de tais mudanças, novas formas de expressão são utilizadas, outras antigas são retomadas. No entanto,

Coscarelli (2002) ressalta que *o texto continua sendo instância enunciativa, contrato entre autor e leitor*. (p.68).

Desse modo, podemos questionar que tipo de contrato pode haver entre leitor e autor no processamento de um hipertexto. Para entendermos tal relação, é necessária uma pequena reflexão em torno das especificidades do hipertexto, uma vez que este apresenta características distintas das de um texto impresso.

Segundo Lévy (1990), *um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões*.(p.33).

Estes nós ligados de um modo não linear podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, documentos complexos, etc. Para esse autor, um hipertexto funciona como um programa para a aquisição de informações e para a comunicação (Lévy, 1990:33). O hipertexto apresenta como sua característica mais específica a VELOCIDADE: em segundos - com apenas um clique - podemos nos conectar aos mais distintos e diversificados *sites*. Lévy comenta que a rápida disseminação do hipertexto decorre das vantagens de seu suporte informático. Dentre tais vantagens, listam-se (Lévy, 1990:36):

⇒ representação figurada, diagramática ou icônica das estruturas de informação e dos comandos;

⇒ o uso do *mouse* que permite ao usuário agir sobre o que ocorre na tela de forma intuitiva, sensório motora;

⇒ os menus que mostram constantemente ao usuário as operações que ele pode realizar;

⇒ a tela gráfica de alta resolução.

Podemos notar que essas características fazem do hipertexto um conjunto de representações semióticas das mais variadas. Em um hipertexto,

um parágrafo pode aparecer sob uma palavra, três capítulos sob uma palavra de um parágrafo, um pequeno ensaio sob uma das palavras destes capítulos, e assim virtualmente sem fim(...) (Lévy, 1990: 41).

Constatadas as variações no hipertexto (ou, pelo menos, parte delas), podemos afirmar que a leitura deste gênero textual também sofre alterações. Embora no texto impresso a noção de linearidade seja questionável - pois nele pode haver notas de rodapé, títulos, subtítulos, explicações marginais, que podem desviar o percurso linear da leitura -, no hipertexto, uma leitura totalmente linear é quase impossível.

Ao processar a leitura de um hipertexto, o leitor pode, muito mais do que na leitura de um texto impresso, mergulhar no processo de construção do que é lido, pois a simultaneidade de informações permite ao leitor *ir e vir*: o leitor, por meio dos *links* e das informações paralelas ao texto, pode *navegar em mares nunca dantes navegados* e retornar ao texto inicial ou, se preferir, continuar sua viagem virtual.

A metáfora do hipertexto dá conta da estrutura indefinidamente recursiva do sentido, pois já que ele conecta palavras e frases cujos significados remetem-se uns aos outros, dialogam-se e ecoam mutuamente para além da linearidade do discurso (...). (Lévy, 1990:73).

Desta forma, nota-se que a construção do sentido na leitura de um hipertexto se dá por meio do ativamento de esquemas propositadamente idealizados em sua estrutura². Tais esquemas, segundo Marcuschi (1985 *apud* Dell'Isola 2001), permitem a síntese do texto, sua ordenação diversa da original, sua memorização e reprodução pelo leitor. Segundo Dell'Isola (2003)³, da apreensão dessas informações será feita uma representação mental que pode ser modificada por outras inferências geradas a partir da representação mental inicial. Para a autora, a compreensão do hipertexto não está somente condicionada ao texto em si, mas ao trajeto percorrido pelo leitor em sua leitura/pesquisa:

(...) os leitores mais engajados no processo de associação semântica, imprescindível para a leitura de hipertexto, irão criar estratégias de memorização mais eficientes. Os menos engajados (os iniciantes) terão mais dificuldades de memorização e, por não estarem familiarizados com o hipertexto, sua compreensão topográfica certamente vai interferir no uso de estratégia de memorização. (Dell'Isola, 2003)

² Segundo Lévy (1990:55), a informática atua na organização das funções cognitivas de coleta e armazenamento de informações, avaliação, previsões, etc. Nota-se, então, o quanto a informática facilita a formação de esquemas pelo leitor quando em contato com o hipertexto.

³ Dell'Isola, 2003 - Aula comentada - disponível em www.lig875a.locaweb.com.br/aula_, acesso em 03/02/2003.

Logo, percebemos o quanto o domínio do meio interfere na recepção da mensagem.⁴ Para Lévy (1990), a atividade interpretativa de um texto centra-se em associações, uma vez que dar sentido a um texto é o mesmo que ligá-lo, conectá-lo a outros textos e, portanto, é o mesmo que construir um hipertexto. De acordo com esse autor, pessoas diferentes atribuirão sentidos diferentes a uma mensagem idêntica.

Isto porque, se por um lado o texto é o mesmo para cada um, por outro, o hipertexto pode diferir completamente. O que conta é a rede de relações pela qual a mensagem será capturada, a rede semiótica que o interpretante usará para captá-la. (p.72).

Por fim — embora a discussão não se dê por encerrada —, notamos que, diante do caleidoscópio virtual, o leitor deve dominar os recursos e bem conhecer as direções e a velocidade certa de cada movimento em sua leitura, para que as formas mágicas refletidas no pequeno espelho lhe apresentem significados precisos. Caso contrário, o hipertexto nada mais será que um amontoado de vidrinhos coloridos.

Referências Bibliográficas:

COSCARELLI, Carla V. (org.) *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002 p.65-85.

COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e Textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991 p.3-16.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Leitura: inferências e contexto sócio-cultural*. Belo Horizonte: Formato, 2001 p. 7-24.

ECO, Umberto. *Lector in fábula*. São Paulo: Perspectiva, 1986 (p.35-67).

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1990, p.7-72.

MOTA, Regina. *Leitura e Tecnologia: ainda a questão do meio e da mensagem*. Texto disponível em www.lig875a.locaweb.com.br/textos (acesso em 03/02/2003)

SMITH, Frank. *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991 p. 181-214.

Referências eletrônicas:

www.lig875a.locaweb.com.br/aula (acesso em 03/02/2003) - *Aula expositiva do dia 03/02/2003*

⁴ Mota, 2000.